

Perfumaria

Fernanda Torres

Folha de S.Paulo, 23.2.2018

Meu filho teve treinamento de fuga no recreio. No ano passado, fui buscá-lo com tiros a ecoar pela Gávea

No fim do ano passado, [Anthony e Rosinha Garotinho](#), [Sérgio Cabral e Adriana Ancelmo](#), três ex-governadores e uma primeira-dama do Rio de Janeiro, foram parar no xilindró. Quinze anos de desmonte, desvio, populismo e corrupção, alimentando a horda de descamisados que servem de bucha de canhão do narcotráfico.

Cada vez que Temer, do mesmo MDB de Cabral, afirma que o Brasil não pode se tornar refém do crime organizado, eu me pergunto a que organização ele se refere.

Desde que o presidente moveu as peças do xadrez eleitoral, entregando o abacaxi na mão do general Braga Netto, a segurança pública tomou o lugar do futebol na vida do brasileiro.

Não há roda de amigos, noticiário de TV, crônica ou comentário de jornal que não se debruce, a raso ou a fundo, no exame da precariedade de nossas fronteiras, do poder paralelo das facções dos presídios, da inépcia dos excelentíssimos eleitos e das raízes das nossas mazelas sociais.

Uns alardeiam a volta do regime militar, outros a desejam. Há os que condenem a Justiça frouxa e a banda podre da polícia. Excomungam-se Pezão, Crivella e Gilmar, rememora-se os milhões de Geddel; evocam-se a bancarrota da Petrobras e a roubalheira dos partidos; fala-se em narco país e culpa-se a política falida antidrogas.

Há diagnóstico para tudo, só não há solução: 7x1 na escalada do crime. O Rio é o Brasil de amanhã.

Escrevo depois de uma reunião sobre segurança na escola do meu filho. Hoje, ele teve treinamento de fuga no recreio. No ano passado, fui buscá-lo às pressas, inúmeras vezes, com os tiros de fuzil a ecoar pela Gávea. Pânico, aulas suspensas, calendário arruinado, um quadro desolador.

Na época, um tanque foi estacionado na esquina do colégio, o que deve acontecer novamente, assim que o general colocar em prática seu plano de ação, feito de improviso, como tudo por aqui.

É difícil explicar a sensação de desterro de levar uma criança para a escola, em meio a metranças, caveirões e soldados fardados. Como explicar? Mas isso é nada, perto da realidade de quem vive na Maré, em Japeri ou na Penha.

Esse é um caderno de cultura. Caberia, aqui, escrever sobre "A Ascensão e Queda de Adão e Eva", mais um livro estupendo de Stephen Greenblatt, que investiga a origem do mito de criação da Bíblia.

Ou indicar as "Narrativas Radiofônicas", de Walter Benjamin, recém traduzidas para o português. Trata-se de uma compilação preciosa das conferências para crianças, realizadas pelo filósofo no fim dos anos 1920. Fausto, Kaspar Hauser e Cagliostro, a saga dos ciganos e a Lei Seca, o terremoto de Lisboa e o fim de Pompeia descrito por Plínio, o jovem; está tudo lá.

Eu poderia, também, dizer do quanto gostei de "[Força Maior](#)", filme de Ruben Östlund, sobre um pai que abandona a família em meio a uma avalanche, falhando na sua missão de macho. E dizer da decepção que o mesmo Östlund me causou com "[The Square](#)", filme em cartaz, que recebeu a Palma de Ouro em Cannes.

Mas nada disso tem relevância, diante do estado de sítio em que se encontra a minha cidade. Não vejo sentido na arte.

Talvez, só em Geovani Martins, autor de "[Rolézim](#)", um milagre literário saído da violenta Rocinha, vizinha ao colégio do meu filho.

Martins transforma em gramática o dialeto dos morros. E apresenta, com profundidade de Camus, a consciência trágica de um moleque de arrastão. A cisão social é tão grave que se deu na língua. Perto de Geovani, tudo mais soa a perfumaria.